

LUCY MAUD MONTGOMERY



# ANA DOS CABELOS RUIVOS

Versão integral.  
Tradução e prefácio da escritora  
Carla Maia de Almeida



# Índice

Prefácio de Carla Maia de Almeida.....	7
Capítulo I – A surpresa da Sra. Rachel Lynde.....	12
Capítulo II – A surpresa de Matthew Cuthbert .....	23
Capítulo III – A surpresa de Marilla Cuthbert .....	41
Capítulo IV – Uma manhã em Green Gables.....	50
Capítulo V – A história de Ana.....	59
Capítulo VI – Marilla toma uma decisão.....	67
Capítulo VII – Ana diz as suas orações .....	75
Capítulo VIII – Começa a educação de Ana .....	80
Capítulo IX – A Sra. Rachel Lynde fica horrorizada .....	91
Capítulo X – Ana pede desculpa .....	101
Capítulo XI – As impressões de Ana sobre a catequese.....	111
Capítulo XII – Um voto solene e uma promessa.....	118
Capítulo XIII – As delícias da antecipação.....	127
Capítulo XIV – A confissão de Ana .....	134
Capítulo XV – Uma tempestade num copo de água.....	146
Capítulo XVI – Um chá com resultados trágicos .....	166

Capítulo XVII – Um novo interesse pela vida .....	181
Capítulo XVIII – Ana, a salvadora.....	190
Capítulo XIX – Um concerto, uma catástrofe e uma confissão .....	203
Capítulo XX – Uma boa imaginação com maus resultados.....	219
Capítulo XXI – Um ingrediente inesperado .....	228
Capítulo XXII – Ana é convidada para um chá.....	242
Capítulo XXIII – Ana mete-se em sarilhos por uma questão de honra.....	248
Capítulo XXIV – A menina Stacy e as suas alunas preparam um espetáculo .....	257
Capítulo XXV – Matthew insiste nas mangas de balão.	263
Capítulo XXVI – Nasce o Clube de Escrita .....	276
Capítulo XXVII – Vaidade e consequência .....	286
Capítulo XXVIII – Pobre donzela Elaine.....	296
Capítulo XXIX – Um marco na vida de Ana .....	307
Capítulo XXX – A turma da Academia da Rainha .....	319
Capítulo XXXI – Onde o rio e o ribeiro se encontram ..	334
Capítulo XXXII – Sai a lista dos aprovados .....	343
Capítulo XXXIII – O concerto no Hotel.....	354
Capítulo XXXIV – A chegada à Academia da Rainha...	368
Capítulo XXXV – O inverno na Academia da Rainha...	378
Capítulo XXXVI – A glória e o sonho.....	385
Capítulo XXXVII – A ceifeira chamada Morte.....	394
Capítulo XXXVIII – A curva no caminho.....	404

## Prefácio

**S**e é certo que não escolhemos a família em que nascemos, o tempo mostra-nos que podemos escolher — e construir — uma outra qualidade de família que segue ao nosso lado na vida. Este livro fala-nos disso. Tendo perdido os pais ainda bebê, Ana Shirley, a nossa «Ana dos Cabelos Ruivos», quase a entrar na adolescência, procura essa ideia de família nas pessoas que vão compensar a solidão de ter crescido em orfanatos e casas de estranhos. Porque «família» é mais do que um apelido partilhado ou uma herança genética, como sabemos. Usamos agora expressões como «mãe de coração» ou «família de coração», mas há muito que intuimos que a verdadeira família é feita de quem fica, de quem ouve, de quem sabe esperar, de quem nos compreende e nos quer bem. Família é quem encontramos a meio do caminho, quantas vezes por acaso, e permanece o tempo necessário para

nos acompanhar até ao lugar onde pertencemos. Daí que os amigos que fazemos na adolescência, se tivermos a sorte de os manter, nos pareçam tão preciosos quanto insubstituíveis.

É assim que começa a história de *Ana dos Cabelos Ruivos*: como um encontro improvável entre três pessoas muito diferentes que, à partida, tinham tudo para não se entenderem. Quando Ana Shirley, então com 11 anos, chega à quinta de Green Gables, vê a sua sobrevivência ameaçada por um engano que alguém cometeu. Trata-se de erros que vêm por bem; ou de acasos que dão certo. Afinal, ela não é o rapaz que os irmãos Marilla e Matthew Cuthbert tinham «encomendado» ao orfanato para os ajudar nas tarefas diárias — e esse é um grande inconveniente. Por idílica que seja a paisagem rural atlântica do Canadá, tal como surge brilhantemente descrita pela autora, Lucy Maud Montgomery (1874–1942), é bom lembrar que, à época, a subsistência se fazia à custa de trabalho árduo. Era preciso semear e arar os campos, colher o feno, rachar lenha, cuidar da horta e do pomar, ordenhar as vacas, preparar as conservas para o inverno, costurar toda a roupa e cozinhar sem descanso, entre muitos outros afazeres. Na era do *takeaway* e da *fast fashion*, em que o valor do trabalho se perde na rapidez de um clique, já é difícil para muitos leitores imaginar um mundo assim. É por isso, ou também por isso, que ler este livro é importante: para não sermos órfãos da memória que nos construiu enquanto sociedade humana.

Ana, ainda uma criança, e apesar da sua aparência frágil, não se furta às responsabilidades que Marilla lhe atribui

na esfera doméstica. Porém, a sua maior virtude não é a obediência, mas a coragem de ser imperfeita num meio exigente e, por vezes, adverso. Depressa mostrará que é muito mais do que um par de mãos para ajudar em casa. Com a sua vivacidade emotiva, tagarelice constante e um «coração ao pé da boca», vai virar do avesso o mundo regrado e puritano dos irmãos Cuthbert e deixar uma marca inspiradora nas pessoas que cruzam o seu caminho. Matthew será fácil de conquistar: doce e bondoso, reconhece em Ana o outro lado do espelho que a sua timidez doentia não deixa tocar. «Ela é uma criaturinha muito engraçada!», dirá, felicíssimo, quando a renitente Marilla concorda em acolher a pequena órfã em Green Gables, tomada por puro dever moral.

No entanto, é com Marilla Cuthbert que Ana testa os seus limites e, por conseguinte, conquista a possibilidade de amadurecer como pessoa. Cada falha, cada erro e cada asneira serve como prova de vida da sua personalidade rebelde e inconformista. Sim, ela é dona de uma imaginação descontrolada, capaz de criar um exército de fantasmas num bosque escuro ou de ver pegadas de uma ninfa no orvalho da manhã. Porém, aos poucos, essa imaginação errante transforma-se numa força criativa que lhe molda o carácter e a ajuda a enfrentar desafios reais, como a ambição de estudar para ser independente. Mais do que lavar a louça e coser mantas de retalhos, Ana quer ser ela própria e viver «como se fosse a heroína de um livro», para usarmos as suas palavras. A esse intuito há que acrescentar, com bastante humor: «É muito mais fácil ser boa pessoa se as nossas roupas estiverem na

moda.» Apenas um exemplo de como Montgomery recorre à ironia para comentar as tradições da época e as regras estritas da comunidade de Avonlea. Criando situações deveras cómicas, consegue capturar a complexidade emocional de uma criança — a dor da rejeição, a euforia da amizade e o drama dos pequenos erros — com uma seriedade que dignifica a infância. Quem escreve para crianças sabe que não é uma tarefa fácil.

Desde 1908, ano em que o romance foi publicado pela primeira vez nos Estados Unidos, nada de essencial mudou na natureza humana que contrarie esta ideia: continuamos a querer gostar das pessoas e a querer que gostem de nós; e move-nos o desejo de encontrarmos o nosso lugar no mundo. Uma das razões por que *Ana dos Cabelos Ruivos* se tornou um clássico tem que ver com esse achado universal que toca o leitor de qualquer época. Por outro lado, e porque uma boa história não é suficiente, a escrita sensorial e evocativa de Montgomery transporta-nos facilmente para as paisagens maravilhosas da Ilha do Príncipe Eduardo, no Canadá, e damos por nós a imaginar um lugar onde nunca estivemos. É claro que podemos sempre conhecer *Ana dos Cabelos Ruivos* pela televisão: a adaptação recente da série da Netflix, *Ana com «A»* (*Anne with an E*), reavivou o interesse na obra, que tem sido alvo de reinterpretações para vários suportes. Mas, para quem ame a literatura, ver o filme nunca será como ler o livro. Só avançando por estas páginas poderemos aperceber-nos da riqueza de detalhes e da profundidade psicológica das personagens; além de encontrarmos palavras

como «calêndula», «otomana» ou «cadafalso», um consolo para os olhos e para a imaginação leitora. Ainda bem que te conheci assim, Ana dos Cabelos Ruivos!

*Carla Maia de Almeida*

## Capítulo I

### *A surpresa da Sra. Rachel Lynde*

**A**Sra. Rachel Lynde vivia precisamente no sítio onde a estrada principal de Avonlea descia para um pequeno vale orlado de amieiros e brincos-de-princesa. Por ali passava um ribeiro cuja nascente se situava nos bosques da velha casa dos Cuthberts. Dizia-se que, no seu percurso inicial através desses bosques, onde se escondiam lagoas e cascatas sombrias, era um curso de água sinuoso e intempestivo; porém, quando chegado ao vale, adotava uma postura tranquila e bem governada, já que ribeiro algum poderia passar à porta da Sra. Rachel Lynde sem respeitar a decência e o decoro. Provavelmente, sabia que a Sra. Rachel se encontrava à janela a vigiar tudo o que passava, desde ribeiros a crianças. Se notasse alguma coisa estranha ou fora do seu lugar, não descansaria enquanto não descobrisse o porquê.

Existem muitas pessoas que conseguem dar atenção aos assuntos dos vizinhos descurando os seus, e isso tanto em Avonlea como noutros lugares. Contudo, a Sra. Rachel Lynde era uma dessas criaturas diligentes capazes de gerir a sua vida e, pelo meio, ainda dar uma mãozinha à vida dos outros. Era uma dona de casa exemplar, que se empenhava em ter o trabalho sempre feito — e bem feito. Dirigia o Círculo de Costura, ajudava aos domingos na catequese e era a mais fervorosa apoiante da Sociedade de Assistência da Igreja e do Auxílio às Missões Estrangeiras. Mesmo assim, ainda arranjava tempo para se sentar durante horas à janela da cozinha a tricotar colchas de algodão (já completara 16 delas, como as donas de casa de Avonlea confidenciavam, sem disfarçar a admiração), enquanto mantinha um olhar atento à estrada que cruzava o vale e subia a colina íngreme de terra avermelhada. Visto que Avonlea ocupava uma pequena península triangular no golfo de São Lourenço, banhada por água de ambos os lados, qualquer pessoa que ali chegasse ou dali saísse tinha de cruzar a estrada, sujeitando-se ao escrutínio invisível mas omnipresente da Sra. Rachel.

Era uma tarde de princípios de junho e ela estava sentada à janela, sob o sol quente e luminoso. O pomar, situado na encosta abaixo da casa, era uma floração nupcial de um branco rosado, sobrevoado pelo zumbido de uma miríade de abelhas. Thomas Lynde, um homenzinho pacato a quem as gentes de Avonlea chamavam «o marido da Rachel Lynde», espalhava as últimas sementes de nabo no campo da colina que ficava para lá do celeiro. Quanto a Matthew Cuthbert,

também devia estar a semear as dele no grande campo vermelho do riacho, lá para os lados da quinta de Green Gables. A Sra. Rachel sabia que assim era porque, na noite anterior, o ouvira contar a Peter Morrison, quando estavam na loja de William J. Blair, em Carmody, que tencionava semear os nabos na tarde do dia seguinte. Peter questionara-o, como é evidente, pois Matthew Cuthbert nunca fora conhecido, em toda a sua vida, por fornecer voluntariamente informações sobre si mesmo.

E, no entanto, ali estava ele, às três e meia da tarde de um dia de trabalho, conduzindo tranquilamente a sua charrete pelo vale, colina acima. Usava um colarinho branco e o seu melhor fato, prova evidente de que ia sair de Avonlea; e a charrete puxada pela égua castanha indiciava que talvez fosse percorrer uma distância considerável. Mas para onde se dirigia Matthew Cuthbert e por que razão o fazia?

Se se tratasse de qualquer outro habitante de Avonlea, a Sra. Rachel, juntando habilmente as pontas, responderia com um bom palpite às duas perguntas. Mas era tão raro Matthew sair de casa que só algo urgente e invulgar o poderia impelir. Era o homem mais tímido que existia; detestava conviver com estranhos ou ter de ir a qualquer sítio onde fosse obrigado a falar. Ver Matthew de colarinho branco, a conduzir uma charrete, era algo que não sucedia muitas vezes. Por mais que pensasse, a Sra. Rachel não conseguia entender e o seu entretenimento da tarde ficou estragado.

*Depois de lanchar, vou até Green Gables e a Marilla dir-me-á onde é que ele foi e porquê,* pensou a respeitável senhora, com

determinação. *Ele não costuma ir à cidade nesta altura do ano e nunca lá vai só para passear. Se tivesse ficado sem sementes de nabo, não ia vestir-se e pegar na charrete para ir buscar mais. Também não estava a conduzir suficientemente depressa para quem vai ao médico. É óbvio que deve ter acontecido alguma coisa ontem à noite para ele agir assim. Estou muito baralhada, e sei que não vou ter um pingo de sossego mental ou paz de espírito até saber o que levou hoje o Matthew Cuthbert a sair de Avonlea.*

Assim, depois de tomar o seu chá, a Sra. Rachel pôs-se a caminho. Não era preciso ir muito longe. Rodeada de pomares, a grande e espaçosa casa onde viviam os Cuthberts ficava uns escassos 400 metros acima do vale onde moravam os Lyndes. Verdade se diga que a estrada comprida fazia com que parecesse mais distante. O pai de Matthew Cuthbert, tão tímido e calado quanto o filho, afastara-se o mais possível dos seus semelhantes ao fundar a propriedade, embora sem chegar a embrenhar-se nos bosques. Green Gables fora construída no extremo mais afastado do terreno sem mato e ali permanecia até hoje, mal se avistando da estrada principal, ao longo da qual todas as outras casas de Avonlea se fixavam. A Sra. Rachel Lynde não considerava que viver num lugar assim fosse uma vida *a sério*.

— Limitam-se a *morar* ali, é o que é — disse ela, avançando pelo caminho irregular, relvado e bordejado de rosas silvestres. — Não admira que o Matthew e a Marilla sejam um pouco estranhos, aqui sozinhos. As árvores não fazem grande companhia, apesar de serem muitas. Por mim, prefiro olhar para as pessoas. É verdade que eles parecem bastante

satisfeitos, mas também suponho que estejam habituados a isto. Uma pessoa habitua-se a tudo, até a ser enforcada, como disse o irlandês.

Com isto, a Sra. Rachel chegou ao quintal das traseiras de Green Gables. Era muito verde, limpo e bem cuidado; cercado de um lado por grandes salgueiros patriarcais e, do outro, por ciprestes retos e elegantes. Não se via um galho ou uma pedra fora do sítio, porque, se os houvesse, a Sra. Rachel tê-los-ia detetado. Secretamente, pensava que Marilla Cuthbert varria aquele quintal tantas vezes quantas ela varria a casa. Uma pessoa podia comer no chão sem engolir o proverbial quinhão de pó a que todos temos direito ao longo da vida.

A Sra. Rachel bateu com força à porta da cozinha e entrou quando lhe foi dada permissão. A cozinha de Green Gables era uma divisão alegre; ou melhor, seria alegre se não estivesse tão penosamente limpa, o que lhe conferia um certo ar de sala de visitas sem uso. As janelas davam para o nascente e para o poente; pela janela poente, virada para o quintal das traseiras, jorrava a luz suave de junho; já a do lado nascente, de onde se vislumbravam as cerejeiras floridas no pomar e as bétulas a ondular no vale junto ao ribeiro, estava coberta por uma profusão de trepadeiras. Era ali que Marilla Cuthbert se sentava, quando se permitia tal coisa, sempre com uma leve desconfiança em relação ao sol. Este parecia-lhe demasiado alegre e irresponsável para um mundo que, na sua opinião, devia ser encarado com seriedade. E era ali que ela se encontrava naquele momento, a tricotar. Atrás de si, a mesa estava posta para a refeição.

Antes de fechar a porta, a Sra. Rachel tomou nota, mentalmente, de tudo o que viu. Havia três pratos, o que significava que Marilla devia estar à espera de alguém para o jantar, além de Matthew. No entanto, era louça do dia a dia e havia apenas compota de maçã e um único tipo de bolo, pelo que a companhia esperada não podia ser assim tão especial. E quanto ao colarinho branco de Matthew e à égua castanha? A Sra. Rachel começava a ficar perturbada com todo este mistério invulgar na tranquila e nada misteriosa quinta de Green Gables.

— Boa tarde, Rachel — disse Marilla, com ar jovial. — Está um fim de dia muito bonito, não está? Não te queres sentar? Como está a tua família?

Sempre existira entre Marilla Cuthbert e a Sra. Rachel aquilo a que podemos chamar «amizade», por falta de outra palavra melhor; e isto apesar das suas diferenças ou talvez por causa delas.

Marilla era uma mulher alta e magra, com ângulos no lugar das curvas. O cabelo escuro, com algumas madeixas grisalhas, estava sempre torcido num pequeno carrapito atrás da cabeça, atravessado por dois pontiagudos ganchos de arame. Parecia uma mulher pouco vivida e de mentalidade rígida; e era-o, de facto, mas havia na sua boca um leve traço daquilo que, se tivesse sido minimamente cultivado, poderia ser designado por sentido de humor.

— Estamos todos bem — disse a Sra. Rachel. — Mas até receei que *vocês* não estivessem, quando vi o Matthew a sair. Pensei que talvez fosse ao médico.

Os lábios de Marilla contraíram-se num trejeito perspicaz. Já esperava a visita da Sra. Rachel e sabia que a visão de Matthew, saindo de forma tão inusitada, seria insuportável para a curiosidade da vizinha.

— Oh, não. Estou bastante bem, embora ontem me tenha doído muito a cabeça — disse ela. — O Matthew foi a Bright River. Vamos receber um rapaz de um orfanato da Nova Escócia. Chega no comboio da noite.

Se Marilla tivesse dito que Matthew tinha ido a Bright River para se encontrar com um canguru australiano, a Sra. Rachel não teria ficado mais espantada. Durante cinco segundos, calou-se por completo. Era impossível que Marilla estivesse a brincar com ela, mas a Sra. Rachel quase se sentiu tentada a supô-lo.

— Estás a falar a sério, Marilla? — perguntou, mal recuperou a voz.

— Sim, claro — afirmou Marilla, como se ir buscar rapazes a orfanatos da Nova Escócia, longe de ser uma novidade extraordinária, fizesse parte das tarefas primaveris habituais em qualquer quinta bem gerida de Avonlea.

Para a Sra. Rachel, foi como sofrer uma forte sacudidela mental. Pela sua cabeça passavam pontos de exclamação. Um rapaz! Marilla e Matthew Cuthbert, e justamente eles, a adotar um rapaz! De um orfanato! O mundo estava mesmo a ficar de pernas para o ar! Depois disto, nada a surpreenderia! Nada!

— Mas quem é que vos pôs essa ideia na cabeça? — perguntou, num tom de desaprovação.

Uma vez que ninguém lhe pedira o seu conselho, era evidente que só podia estar contra.

— Bem, já andamos a pensar nisto há algum tempo. Na verdade, durante todo este inverno — respondeu Marilla. — A Sra. Alexander Spencer passou por cá um dia, antes do Natal, e disse que na primavera ia buscar uma menina ao orfanato de Hopeton. A prima dela vive lá e a Sra. Spencer tem-na visitado, de modo que sabe tudo sobre o assunto. Desde então, eu e o Matthew temos falado e pensámos em arranjar um rapaz. Como sabes, ele está a ficar velho. Já tem 60 anos e não se mexe tão bem como dantes, além de que o coração o incomoda bastante. E tu sabes como é difícil contratar gente para trabalhar. Só aparecem aqueles rapazes franceses, meio tontos e imaturos. Se conseguimos que algum deles se adapte aos nossos costumes e aprenda alguma coisa, vai-se logo embora para as fábricas de conservas de lagosta ou para os Estados Unidos. A princípio, o Matthew sugeriu que arranjássemos um órfão de Inglaterra<sup>1</sup>, mas eu não quis. «Até podem ser bons rapazes, não digo que não, mas eu não quero cá rufias das ruas de Londres», disse-lhe eu. «Pelo menos que seja alguém nascido aqui. Sei que há sempre um risco, seja quem for que arranjemos,

---

<sup>1</sup> A referência de Marilla a «um órfão de Inglaterra» (*home boy*, no original) remete para o movimento *British Home Children*, com o qual largos milhares de crianças pobres ou órfãs foram enviados do Reino Unido para o Canadá. Eram integradas em famílias rurais como mão de obra agrícola e doméstica, num esforço simultâneo de «reforma de carácter». [N. T.]

mas sinto-me mais tranquila e durmo melhor à noite se ele for do Canadá.» De modo que acabámos por pedir à Sra. Spencer que nos escolhesse um quando fosse buscar a menina dela. Soubemos que ela ia lá a semana passada e mandámos-lhe recado pelos parentes do Richard Spencer, que vivem em Carmody, para que nos trouxesse um rapaz apropriado e esperto, com 10 ou 11 anos. Achámos que seria a melhor idade, porque assim já nos pode ajudar na quinta, mas ainda é suficientemente novo para ser bem treinado. Queremos dar-lhe um bom lar e uma boa educação. Hoje o carteiro trouxe da estação um telegrama da Sra. Alexander Spencer a dizer que vinham no comboio das cinco e meia da tarde. O Matthew foi a Bright River para se encontrar com o rapaz, e a Sra. Spencer vai deixá-lo lá. Claro que depois segue para a estação de White Sands.

A Sra. Rachel orgulhava-se de dizer sempre o que pensava. Depois de ter ajustado a sua disposição mental a esta notícia espantosa, começou a falar.

— Bem, Marilla, falando sem rodeios, acho que vocês estão a cometer um grande disparate. É muito arriscado, é o que é. Não sabem no que se metem. Vão trazer uma criança estranha para a vossa casa sem saber nada sobre ela: que temperamento tem, que tipo de pais teve e em que pessoa é que se vai tornar. Ainda na semana passada li no jornal que um casal do nordeste da ilha tirou um rapaz de um orfanato. Ele pegou fogo à casa durante a noite *de propósito*, Marilla, e quase os deixou esturricados na cama. Sei de outro caso de um rapaz adotado que tinha o hábito de comer ovos crus

e não o conseguiram livrar daquela mania. Se me tivesses pedido um conselho sobre o assunto, o que não fizeste, ter-te-ia dito que não pensasses numa coisa destas.

A pretensa tentativa de consolação não pareceu ofender nem alarmar Marilla, que continuou a tricotar com firmeza.

— Não digo que não tenhas uma certa razão, Rachel. Eu própria tive algumas dúvidas. Mas o Matthew estava tão determinado, e eu percebi isso e cedi. É tão raro ele querer mesmo alguma coisa que, quando isso acontece, me sinto na obrigação de ceder. E quanto ao risco, bem, quase tudo o que uma pessoa faz neste mundo tem a sua dose de risco. As pessoas também arriscam quando decidem ter filhos, porque nem sempre eles saem como deve ser. Além disso, a Nova Escócia fica muito perto daqui. Não é como se o fôssemos buscar a Inglaterra ou aos Estados Unidos. Ele não pode ser assim tão diferente de nós.

— Bem, espero que corra tudo bem — disse a Sra. Rachel, num tom que denunciava claramente as suas dúvidas. — Mas não digam que não vos avisei se ele incendiar Green Gables ou se puser estricnina no poço. Ouvi falar de um caso em Nova Brunswick de uma criança órfã que fez isso e toda a família morreu numa agonia terrível. A diferença é que era uma rapariga.

— Bem, mas nós não vamos adotar uma rapariga — replicou Marilla, como se envenenar poços fosse uma proeza exclusivamente feminina e nada houvesse a temer no caso de um rapaz. — Não me passaria pela cabeça ter uma rapariga para criar e espanta-me que a Sra. Alexander Spencer

o faça. Mas *ela* seria capaz de adotar um orfanato inteiro, se lhe desse para aí.

A Sra. Rachel teria gostado de ficar até Matthew voltar a casa com o seu órfão resgatado. Mas, tendo em conta que teria de esperar pelo menos duas horas, resolveu antes ir até à casa de Robert Bell para contar a novidade. Iria certamente causar uma sensação ímpar, e a Sra. Rachel gostava muito de causar sensação. De maneira que se foi embora, para alívio de Marilla, que viu as suas dúvidas e receios reavivarem-se sob a influência do pessimismo da Sra. Rachel.

— Ora essa, nunca vi tal coisa! — desabafou a Sra. Rachel, quando já caminhava em segurança pela estrada. — Parece que estou a sonhar. Bem, tenho pena desse pobre rapaz, e de certeza que não me engano. O Matthew e a Marilla não percebem nada de crianças e esperam que ele seja mais esperto e acertado que o avô, se é que alguma vez o rapaz teve um avô, o que é de duvidar. É esquisito pensar numa criança em Green Gables, porque nunca por lá passou nenhuma. O Matthew e Marilla já eram crescidos quando a casa nova foi construída, e não sei mesmo se alguma vez *foram* crianças. Quando se olha para eles, é difícil acreditar. Não queria estar na pele daquele órfão nem por nada. Tenho pena dele, é o que é.

Assim falou a Sra. Rachel às roseiras silvestres, do fundo do seu coração; mas se ela pudesse ver a criança que, naquele momento, esperava pacientemente na estação de Bright River, a sua compaixão teria sido ainda maior.

## Capítulo II

### *A surpresa de Matthew Cuthbert*

**M**atthew e a sua égua percorreram tranquilos os quase 13 quilômetros até Bright River. A estrada era bonita, serpenteando entre acolhedoras propriedades rurais e passando por trechos de bosques de abetos-balsâmicos ou pequenos vales onde as ameixoeiras-bravas exibiam a sua delicada floração. O perfume dos pomares de maçãs adocicava o ar e os prados estendiam-se suavemente até ao horizonte, tocando as neblinas de tons pérola e púrpura. Enquanto isso...

«Os passarinhos cantavam como se fosse o único dia de verão do ano.»<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Excerto de *The Vision of Sir Launfal* (1848), de James Russell Lowell, um poema narrativo romântico que reinterpreta a lenda do Rei Artur.

Matthew usufruiu da viagem à sua maneira, exceto nas ocasiões em que se cruzava com mulheres e tinha de as cumprimentar com uma leve inclinação de cabeça. Isto porque, na Ilha do Príncipe Eduardo, é suposto cumprimentar toda a gente que se encontre na estrada, quer se conheça ou não.

Matthew receava todas as mulheres, exceto Marilla e a Sra. Rachel. Tinha a sensação desconfortável de que essas misteriosas criaturas se riam nas costas dele. Talvez tivesse razão em pensar assim, pois era uma personagem estranha, com o seu corpo desengonçado e cabelos compridos, cinzentos-ferrosos, que lhe chegavam aos ombros curvados; além de uma barba castanha, compacta e macia que usava desde os 20 anos. Já nessa idade se parecia muito com o que era agora aos 60, apenas com menos cabelos grisalhos.

Não havia sinal de nenhum comboio quando chegou a Bright River. Pensou que era ainda muito cedo e foi amarrar a égua no pátio do pequeno hotel da terra, dirigindo-se depois à estação. A plataforma comprida estava quase deserta. A única criatura que se encontrava à vista era uma rapariga sentada numa pilha de telhas ao fundo da plataforma. Matthew, mal notando que era uma rapariga, apressou o passo, sem a fitar. Se tivesse olhado, dificilmente teria deixado de notar a rigidez e a expectativa da sua expressão. Estava à espera de alguma coisa ou de alguém; e, uma vez que sentar-se e esperar era a única coisa a fazer naquele momento, ela assumia-o com toda a convicção.

Matthew encontrou o chefe da estação a fechar a bilheteira e a preparar-se para ir jantar a casa, e perguntou-lhe se o comboio das cinco e meia estaria para breve.

— Esse comboio já chegou e partiu há meia hora — respondeu alegremente o funcionário. — Mas deixaram-lhe um passageiro: uma menina. Está sentada lá fora, nas telhas. Pedi-lhe que ficasse na sala de espera das senhoras, mas ela explicou-me, muito séria, que preferia ficar lá fora. «Há mais espaço para a imaginação», disse-me. É uma personagem, devo dizer.

— Não estou à espera de nenhuma rapariga — disse Matthew, sem saber o que fazer. — Vim buscar um rapaz, que já cá devia estar. A Sra. Alexander Spencer ficou de o trazer da Nova Escócia.

O chefe da estação soltou um assobio.

— Então deve ter havido algum engano. A Sra. Spencer saiu do comboio com a menina e deixou-a ao meu cuidado. Disse que o senhor e a sua irmã iam tirá-la do orfanato e que viriam buscá-la em breve. É tudo o que sei e não tenho mais órfãos escondidos por aqui.

— Não percebo nada — comentou Matthew, desamparado, desejando que Marilla estivesse ali para lidar com a situação.

— Bem, é melhor ir falar com a rapariga — sugeriu o chefe da estação, descontraidamente. — Atrevo-me a dizer que ela lhe vai explicar, porque conversa não lhe falta. Se calhar não havia rapazes com os requisitos que vocês queriam.

Partiu em passo apressado, pois estava com fome, e o pobre Matthew não teve outro remédio senão fazer uma coisa que para ele era mais difícil do que entrar na cova de um leão: aproximar-se de uma rapariga órfã que não

conhecia e perguntar-lhe porque é que ela não era um rapaz. Ao caminhar vagarosamente pela plataforma, a cabeça de Matthew era só lamentações.

A rapariga observava-o desde o primeiro momento em que o vira e mantinha os olhos cravados nele. Matthew, pelo contrário, não a encarava; na verdade, não seria capaz de decifrar quem ela era. Contudo, um mero observador teria visto uma criança com cerca de 11 anos, usando um vestido muito curto, apertado e feio, de fazenda cinza-amarelada. Trazia um chapéu gasto de marinheiro, por baixo do qual apareciam duas tranças espessas e ruivas. Tinha um rosto pequeno, pálido e magro, muito sardento; a boca era grande e os olhos também, parecendo verdes sob certa luz e certos estados de espírito, e cinzentos noutras ocasiões.

Isto para um observador comum. Já um observador mais perspicaz poderia ter notado que o queixo era muito pontiagudo e pronunciado, que aqueles olhos eram vivos e espirituosos, que os lábios eram doces e expressivos, e que a testa era larga e cheia. Em suma, esse observador perspicaz poderia ter concluído que não seria uma alma banal a habitar o corpo desta criança-mulher meio perdida, de quem o tímido Matthew Cuthbert tinha um medo assaz ridículo.

Matthew foi poupado à provação de falar primeiro. Assim que ela o sentiu a aproximar-se, levantou-se e segurou na mão magra e morena a alça de uma mala de viagem, velha e fora de moda, ao mesmo tempo que lhe estendia a outra mão para o cumprimentar.

— Suponho que seja o Sr. Matthew Cuthbert, da quinta de Green Gables — disse ela, numa voz peculiarmente límpida e doce. — Estou muito contente por vê-lo. Começava a recear que não viesse buscar-me e estava a imaginar todas as coisas que lhe pudessem ter acontecido. Resolvi que, se não viesse buscar-me hoje, ia descer o caminho até àquela grande cerejeira-brava que fica na curva, trepava e passava lá em cima a noite. Não ia ter medo nenhum. Seria maravilhoso dormir ao luar, nos ramos de uma cerejeira cheia de flores brancas, não acha? Até podia imaginar que estava no interior de um salão de mármore. E sabia que viria buscar-me amanhã de manhã, se não viesse esta noite.

Matthew pegou desajeitadamente na mãozinha magriçela e, nesse momento, decidiu o que ia fazer. Não podia dizer a esta criança de olhos brilhantes que tinha havido um erro; levá-la-ia para casa e deixaria Marilla tratar dessa parte. Não ia deixá-la abandonada em Bright River. Fosse o que fosse que tivesse acontecido, todas as perguntas e explicações podiam muito bem ser adiadas até estarem em segurança em Green Gables.

— Peço desculpa pelo atraso — disse ele, envergonhado. — Vem comigo. A charrete está no pátio. Dá-me a tua mala.

— Oh, eu consigo levá-la — respondeu a criança, com vivacidade. — Não é pesada. Tenho todos os meus bens lá dentro, mas não pesam muito. Se não a segurar de uma certa maneira, a alça cai, por isso é melhor ser eu, que já conheço o truque. É uma mala de pano muito antiga. Oh, estou muito contente por o senhor ter vindo, mesmo que pudesse ter sido

agradável dormir empoleirada numa cerejeira-brava. Temos de fazer uma viagem longa, não temos? A Sra. Spencer disse que eram quase 13 quilómetros. Ainda bem, porque adoro viajar. Oh, é maravilhoso ir viver convosco e pertencer à vossa família. Nunca pertenci a ninguém, a sério. Mas o pior foi o orfanato. Só estive lá quatro meses, mas foi o suficiente. Suponho que o senhor nunca foi órfão nem viveu num orfanato, por isso não pode compreender como é. É pior do que qualquer outra coisa que possa supor. A Sra. Spencer disse que era feio falar assim, mas não pretendo ser má. É fácil sermos malvados sem querer, não acha? Sabe, lá no orfanato eram boas pessoas. Mas sobrava pouco espaço para a imaginação, a não ser em relação aos outros órfãos. Era muito interessante imaginar que talvez a rapariga que se sentava ao meu lado podia ser filha de um conde e que tinha sido roubada aos pais quando era pequena, por uma enfermeira cruel que morreu antes de poder confessar. Costumava ficar acordada à noite a imaginar coisas deste género, porque durante o dia não tinha tempo. Acho que é por isso que sou tão magra. Sou terrivelmente magra, não sou? Sou pele e osso. Adoro imaginar-me bonita e rechonchuda, com covinhas nos cotovelos.

Dito isto, a companheira de viagem de Matthew parou de falar, em parte porque estava sem fôlego e em parte porque tinham chegado junto da charrete. Não abriu mais a boca até terem saído da vila e começarem a descer uma pequena colina íngreme. Ali, a estrada fora tão profundamente escavada no solo macio que as margens, orladas

de cerejeiras-bravas em flor e esguias bétulas-brancas, se encontravam bastante acima das suas cabeças.

A criança estendeu a mão e partiu um ramo de ameixeira que roçava na parte lateral da charrete.

— Não é linda? O que lhe faz lembrar esta árvore, toda branca e rendilhada? — perguntou ela.

— Bem, não sei — respondeu Matthew.

— Uma noiva, claro. Toda vestida de branco e com um lindo véu transparente. Nunca vi nenhuma, mas imagino como será. Acho que nunca hei de ficar noiva. Sou tão desajeitada que ninguém vai querer casar-se comigo, a não ser algum missionário estrangeiro que não seja muito exigente. Mas espero, um dia, ter um vestido branco. É o meu ideal mais elevado de felicidade terrena. Adoro roupas bonitas. Que me lembre, nunca tive um vestido bonito em toda a minha vida, o que só me faz desejá-lo ainda mais. Depois posso imaginar que estou maravilhosa. Hoje de manhã, quando saí do orfanato, senti-me muito envergonhada por ter de usar este vestido velho e horrível. Todas as órfãs têm um, sabe? No inverno passado, um comerciante de Hopeton doou 300 metros desta fazenda ao orfanato. Algumas pessoas disseram que foi porque não a conseguia vender, mas eu prefiro acreditar que foi por generosidade. Quando entrámos no comboio, senti que toda a gente devia estar a olhar para mim, cheia de pena. Mas pus a imaginação a trabalhar e fiz de conta que trazia o mais belo vestido de seda azul-claro... porque quando se está a imaginar, mais vale ser algo que valha a pena... um grande chapéu cheio

de flores e plumas, e também um relógio de ouro, luvas e botas de criança. Senti-me logo animada e usufruí da viagem com todas as minhas forças. Não enjoiei nada no barco. Nem a Sra. Spencer, embora ela geralmente enjoie. Disse-me que não tinha tempo para isso, porque estava a vigiar-me para eu não cair ao mar, de tão mexida que era. Mas se isso a impediu de ficar enjoada, ainda bem para ela, não acha? Eu queria ver tudo o que havia para ver naquele barco, porque não sabia se alguma vez teria outra oportunidade. Oh, tantas cerejeiras e todas em flor! Esta ilha é o sítio mais florido que eu já vi. Estou a adorar e sinto-me muito feliz por vir viver para aqui. Sempre ouvi dizer que a Ilha do Príncipe Eduardo era o lugar mais bonito do mundo, e costumava imaginar que morava cá, mas nunca esperei que isso acontecesse. É maravilhoso quando a nossa imaginação se torna realidade, não é? E estas estradas de terra vermelha são tão curiosas... Quando entrámos no comboio em Charlottetown e comecei a vê-las, perguntei à Sra. Spencer o que é que as tornava vermelhas. Ela disse que não sabia e que, por favor, não lhe fizesse mais perguntas, porque já devia ter feito para aí umas mil. Até acredito, mas como é que vamos perceber as coisas se não fizermos perguntas? O que é que *torna* as estradas vermelhas, sabe?

— Bem, não sei — respondeu Matthew.

— Então essa é uma das coisas que tenho de perceber, um dia. Não é esplêndido pensar em tudo o que há para descobrir? Isso faz-me sentir feliz por estar viva. É um mundo tão interessante. Se soubéssemos tudo e mais alguma coisa,

não seria assim tão interessante, pois não? Não havia tanto espaço para a imaginação. Se calhar, estou a falar demais. As pessoas dizem-me sempre isso. Prefere que eu não fale? Basta dizer. Posso parar quando quiser, embora seja difícil.

Para seu grande espanto, Matthew ia divertido. Como a maioria das pessoas caladas, também ele gostava de gente faladora, desde que não se importassem de falar sozinhas e não esperassem que ele fizesse a sua parte. Porém, nunca esperara desfrutar da companhia de uma rapariga. Já lhe era complicado lidar com as senhoras, mas as raparigas eram piores. Detestava a maneira como passavam por ele, envergonhadas e a olhar de soslaio, como se esperassem que ele lhes desse uma dentada se elas se atrevessem a dizer uma palavra. As raparigas bem-educadas de Avonlea eram desse género, mas esta «bruxinha» sardenta era muito diferente. Embora ele achasse bastante difícil acompanhar as suas divagações, por ser de raciocínio lento, pensou que até gostava da tagarelice dela. Por fim, pronunciou-se, tão timidamente como era costume:

— Oh, podes falar o quanto te apetecer. Não me importo.

— Que bom! Sei que vamos dar-nos muito bem. É um alívio poder falar quando se quer e não ter de ouvir dizer que as crianças devem ser vistas e não ouvidas. Já me disseram isso um milhão de vezes. E as pessoas riem-se de mim porque uso palavras com muitas letras. Mas, se temos grandes ideias, temos de usar grandes palavras para as exprimir, não é?

— Parece-me bem que sim — disse Matthew.

— A Sra. Spencer disse que a minha língua deve estar meio solta. Mas não, juro que está presa numa das pontas. Também disse que a vossa quinta se chamava Green Gables. Perguntei-lhe tudo e ela contou que havia muitas árvores à volta. Fiquei mais feliz do que nunca, porque adoro árvores. No orfanato não havia nem uma, a não ser umas muito pequeninas, cercadas por grades pintadas de branco. Até aquelas árvores pareciam órfãs. Dava-me vontade de chorar só de olhar para elas. Costumava dizer-lhes: «Oh, *pobrezinhas!* Se estivessem num grande bosque, com outras árvores à vossa volta, com musgo e campainhas a crescer junto às vossas raízes, com um ribeiro não muito longe e com pássaros a cantar nos vossos ramos, podiam crescer, não podiam? Mas aí nesse sítio, não podem. Sei exatamente como se sentem, arvorezinhas». Tive pena de as deixar para trás esta manhã. Ficamos tão apegados a certas coisas, não é? Há algum ribeiro perto de Green Gables? Esqueci-me de perguntar à Sra. Spencer.

— Sim, há um mesmo abaixo da casa.

— Quem diria! Sempre fez parte dos meus sonhos viver perto de um ribeiro, mas nunca esperei que se concretizasse. Os sonhos não se concretizam muitas vezes, pois não? Não seria bom se assim fosse? Neste momento, sinto-me quase feliz. Só não digo completamente feliz porque... que cor se pode chamar a isto?

Puxou uma das suas tranças compridas e luzidias para junto do ombro magro e ergueu-a diante dos olhos de Matthew. Ele não estava habituado a comentar tonalidades de tranças de senhoras, mas, neste caso, não restavam muitas dúvidas.

— É ruivo, não é? — arriscou.

A rapariga deixou cair a trança com um suspiro que parecia vir do fundo dos dedos dos pés e que exprimia as mágoas da eternidade.

— Sim, é ruivo — confirmou, resignada. — Já percebeu porque é que eu não posso ser completamente feliz. Ninguém pode ser feliz se tiver cabelo ruivo. As outras coisas não me fazem assim tanta diferença: as sardas, os olhos verdes, a minha magreza. Consigo pô-las ao largo e imaginar que tenho uma linda tez rosada e uns lindos olhos raia-dos de violeta. Mas não consigo imaginar que não tenho o cabelo ruivo. Esforço-me e digo para mim própria: *Agora o meu cabelo é de um negro glorioso como a asa do corvo*. Mas não se passa um segundo sem que eu saiba que é simplesmente ruivo, e isso parte-me o coração. É um desgosto para toda a vida. Uma vez, li um romance sobre uma rapariga que tinha um desgosto para toda a vida, mas não era o cabelo ruivo. Ela tinha um cabelo louro e que lhe caía ondulante sobre a testa de alabastro. O que é uma testa de alabastro? Nunca consegui descobrir. Pode explicar-me?

— Receio bem que não — disse Matthew, que estava a ficar um pouco zozzo. Sentiu-se como naquela vez em que era novo e outro rapaz o tinha atraído para o carrossel, durante um piquenique.

— O que quer que fosse, devia ser bom, porque ela era divinamente bela. Já alguma vez imaginou como é a sensação de ser divinamente belo?

— Não, nunca imaginei — confessou Matthew, sincero.

— Eu já, muitas vezes. Se pudesse escolher, o senhor preferia ser divinamente belo, incrivelmente inteligente ou angelicalmente bom?

— Na verdade, não sei.

— Nem eu. Não me consigo decidir. Mas não interessa, porque é improvável que alguma vez o venha a ser. Nunca hei de ser angelicalmente boa. A Sra. Spencer diz que... Oh, Sr. Cuthbert! Senhor Cuthbert!! Senhor Cuthbert!!!

Não fora isso que a Sra. Spencer dissera, nem a criança caíra da charrete, nem Matthew fizera algo de espantoso. Tinham simplesmente contornado uma curva da estrada e chegado à Avenida.

A «Avenida» — assim lhe chamavam os habitantes de Newbridge — era um trecho de estrada com 400 ou 500 metros de extensão, ladeado por grandes macieiras de copa larga, plantadas há muitos anos por um velho e excêntrico agricultor. Por cima, estendia-se um longo dossel de flores brancas e perfumadas, e, sob os ramos, o ar parecia saturado pelos tons arroxeados do crepúsculo. Ao longe, vislumbrava-se o céu pintado pelo pôr do sol, brilhando como uma grande rosácea ao fundo da nave de uma catedral.

Toda aquela beleza deixou a criança sem palavras. Recostou-se na charrete, apertou as mãos finas no regaço e, de rosto erguido, contemplou a alvura esplendorosa, em absoluto estado de fascinação. Assim se manteve, imóvel e em silêncio, mesmo quando já tinham deixado para trás a Avenida e desciam a encosta para Newbridge. Ainda com o rosto extasiado, continuava a olhar para oeste, em direção

ao pôr do sol, deslumbrada por aquela esplêndida visão. Passando por Newbridge, uma pequena e movimentada povoação onde os cães lhes ladraram, os rapazitos os receberam com uma algazarra e alguns rostos curiosos assomaram às janelas para os ver, e continuaram a viagem em silêncio. Já tinham galgado mais cinco quilómetros e a criança ainda não falava. Era evidente que conseguia guardar silêncio com tanta convicção como era capaz de falar.

— Suponho que te sintas muito cansada e com fome — arriscou dizer Matthew por fim, avaliando a longa mudez dela com o único motivo que lhe ocorreu. — Mas já não falta muito. Só mais um quilómetro.

Ela saiu do seu devaneio com um suspiro profundo e encarou-o com o olhar sonhador de uma alma que andara a vaguear pelas estrelas.

— Oh, Sr. Cuthbert — sussurrou. — Aquele lugar por onde passámos, todo branco, o que era?

— Deves estar a falar da Avenida — disse Matthew, após alguns momentos de profunda reflexão. — É um sítio bonito.

— Bonito? Oh, «bonito» não me parece a palavra correta. Nem sequer «belo». Não alcançam o significado. Oh, era um sítio maravilhoso... absolutamente maravilhoso! É a primeira coisa que vejo que não pode ser melhorada pela imaginação. Senti-a exatamente aqui — afirmou, pondo uma mão no peito. — Causou-me uma dor estranha, mas agradável. Alguma vez experimentou uma dor assim, Sr. Cuthbert?

— Neste momento, não me consigo lembrar.

— Sinto-a muitas vezes, sempre que vejo alguma coisa realmente bela. Mas não deviam chamar «Avenida» a esse sítio encantador. Não quer dizer nada. Deviam chamar-lhe... deixe-me pensar... a «Vereda do Encanto Branco». Não é um nome muito mais imaginativo e simpático? Quando não gosto do nome de um sítio ou de uma pessoa, imagino outro e penso sempre neles assim. Havia uma rapariga no orfanato que se chamava Hepzibah Jenkins, mas eu imaginava-a sempre como Rosalia DeVere. Outras pessoas podem chamar àquele sítio «a Avenida», mas eu chamar-lhe-ei sempre a «Vereda do Encanto Branco». A sério que só falta mais um quilómetro para chegarmos a casa? Estou contente, mas também tenho pena, porque esta viagem está a ser encantadora e custa-me que acabe. Talvez adiante apareça outra coisa ainda mais encantadora, mas nunca se pode ter a certeza. E o mais certo é não ser assim; pelo menos, é o que diz a minha experiência. Mas a ideia de chegar a casa deixa-me contente. É que, desde que me lembro, nunca tive uma casa a sério. Sinto outra vez aquela dor saborosa, só de pensar que vou para uma casa verdadeira. Oh, como isto é bonito!

Tinham acabado de ultrapassar o topo de uma colina. Lá em baixo via-se um lago que, de tão comprido e cheio de curvas, mais parecia um rio. Uma ponte atravessava-o a meio e, dali até à margem onde uma faixa de dunas douradas o separava do mar azul-escuro do golfo, a água brilhava com cores que mudavam constantemente: eram tons etéreos de açafrão, rosa e verde, misturados com outras tonalidades fugidias para as quais nunca se encontrou um nome.

Acima da ponte, o lago corria para os bosques de abetos e bordos, tornando-se escuro e translúcido sob as sombras que dançavam à superfície. Aqui e ali, uma ameixoeira-brava inclinava-se da margem, como uma rapariga vestida de branco a olhar para o seu próprio reflexo. Da zona mais pantanosa, ouvia-se o coro límpido e melancólico das rãs. Numa encosta mais à frente, uma casinha cinzenta espreitava por detrás de um pomar de macieiras brancas, e, embora ainda não fosse noite, já se via uma luz acesa numa das janelas.

— É o Lago do Barry — disse Matthew.

— Também não gosto desse nome. Vou chamar-lhe antes... deixe-me ver... o «Lago das Águas Brilhantes». Sim, é esse o nome mais acertado. Percebo isso por causa da emoção. Quando encontro um nome que se adequa, sem tirar nem pôr, fico arrepiada de emoção. Também sente isso?

Matthew ruminou sobre os seus pensamentos.

— Por acaso, sim. Sinto sempre uma espécie de arrepio quando vejo aquelas larvas brancas e feias que se instalam nos canteiros dos pepinos. Odeio o aspeto delas.

— Hum, não acho que seja o mesmo tipo de arrepio. Acha que é? As larvas e os lagos de águas brilhantes são coisas muito diferentes, não são? Mas porque é que as pessoas lhe chamam Lago do Barry?

— Acho que é porque o Sr. Barry vive lá em cima. A quinta dele chama-se Encosta do Pomar. Se não fosse aquele arbusto grande, podíamos ver Green Gables daqui. Mas temos de passar a ponte e dar a volta pela estrada. É menos de um quilómetro.

— O Sr. Barry tem alguma filha pequena? Bem, que não seja muito pequena, mais ou menos como eu.

— Tem uma com cerca de 11 anos. Chama-se Diana.

— Oh! — exclamou, com um suspiro. — Que nome tão bonito!

— Bem, isso não sei. Soa-me a um nome terrivelmente pagão. Preferia Jane, Mary ou outro nome mais apropriado. Mas quando a Diana nasceu, eles tinham lá hospedado um professor e foi ele quem escolheu o nome, e então ficou Diana.

— Quem me dera que houvesse um professor assim quando eu nasci. Oh, já chegámos à ponte. Vou fechar bem os olhos. Tenho sempre medo de atravessar pontes. Imagino sempre que, quando vamos a meio, podem dobrar-se como um canivete e engolir-nos. É por isso que fecho os olhos, embora os volte a abrir quando sinto que estamos a chegar ao meio. É que, se por acaso a ponte se dobrasse, eu gostava de *ver*. Que barulho agradável fazem as rodas da charrete! Gosto sempre desta parte. Não é espantoso haver tantas coisas para se gostar neste mundo? Já chegámos. Agora, sim, vou olhar para trás. Boa noite, querido Lago das Águas Brilhantes. Digo sempre boa-noite às coisas que amo, tal como digo às pessoas. Acho que as coisas gostam. Aquela água parece estar a sorrir para mim.

Depois de terem subido a colina e dobrado uma curva, Matthew anunciou:

— Estamos quase a chegar a casa. Ali está a quinta de Green Gables.

— Oh, não conte mais nada — interrompeu-o ela, ofegante, segurando-lhe o braço soerguido e fechando os olhos para não ver. — Deixe-me adivinhar. Tenho a certeza de que vou saber qual é.

Então, abriu os olhos e observou tudo à sua volta. Encontravam-se no cume de uma colina. O sol já se pusera há algum tempo, mas, à luz suave do crepúsculo, a paisagem ainda era nítida. A oeste, a torre escura de uma igreja erguia-se contra um céu cor de calêndula. Lá em baixo via-se um pequeno vale, com pequenas quintas elevadas no seu declive. Os olhos da criança saltavam de uma para outra, ávidos e esperançosos. Por fim, detiveram-se numa das casas à esquerda. Esbranquiçada e longe da estrada, os seus pomares floridos sobressaíam no entardecer dos bosques em redor. Sobre eles, no céu imaculado a sudoeste, brilhava uma grande estrela, alva e cristalina, sugerindo esperança e um rumo.

— É aquela, não é? — perguntou a criança, apontando.

Matthew bateu com as rédeas no dorso da égua, deliciado.

— Adivinhaste! Mas acho que a Sra. Spencer te deve ter feito uma boa descrição, porque percebeste logo.

— Não, não fez. A sério. Tudo o que ela me contou podia aplicar-se a tantos outros sítios como este. Não fazia a mínima ideia, mas, assim que a vi, senti que era a minha casa. Oh, parece que estou num sonho! O meu braço deve estar roxo do cotovelo para cima, tantas vezes já me belisquei hoje. Às vezes, tinha muito medo de que fosse tudo um sonho e quase me sentia nauseada. Então, beliscava-me para ver se era real. De repente, pensei que, mesmo que fosse apenas

um sonho, sempre era melhor continuar a sonhar enquanto pudesse, e então deixei de me beliscar. Mas isto é real e estamos quase a chegar a casa.

Com um suspiro de deleite, voltou novamente ao silêncio. Matthew remexeu-se no seu lugar, inquieto. Sentiu-se aliviado por ser Marilla, e não ele, a ter de dizer àquela órfã que o lar que ela tanto buscava não era o deles. Passaram junto ao sítio dos Lyndes, onde já estava bastante escuro, mas não tão escuro que a Sra. Rachel não os pudesse ver, espreitando por uma frincha da janela. Subiram a colina e entraram na comprida alameda que conduzia a Green Gables. Quando chegaram, Matthew tremia perante a revelação iminente da verdade, oprimido por emoções que não compreendia. Não era em Marilla ou em si próprio que cismava, nem nos problemas que este erro provavelmente lhes iria trazer, mas na desilusão daquela criança. Quando pensava no deslumbramento que se apagaria nos olhos dela, tinha a sensação incómoda de que ia ajudar a exterminar alguma coisa; a mesma sensação que o dominava quando tinha de matar um cordeiro, um vitelo ou qualquer outra criatura inocente.

Quando entraram, o pátio estava bastante escuro e as folhas dos choupos sussurravam à sua volta.

— Consegue ouvir as árvores a falar enquanto dormem?  
— segredou ela, quando ele a tirou da charrete e a pousou no chão. — Que sonhos bonitos devem ter!

Depois, segurando firmemente o saco de pano que continha «todos os seus bens», seguiu-o até casa.

## Um clássico intemporal sobre identidade, pertença e o poder da imaginação.

A chegada de Ana a Green Gables está longe de ser tranquila. Matthew e Marilla Cuthbert esperavam um rapaz e não uma rapariga para ajudar no trabalho da quinta. E o espírito livre da órfã curiosa e tagarela adotada por eles agita por completo a comunidade conservadora de Avonlea. Mas, entre gafes hilariantes e desafios emocionantes, Ana vai crescendo e amadurecendo. Aos poucos, ela vai conseguir conquistar a consideração e a afeição de todos e, sobretudo, concretizar um dos seus maiores sonhos: ter uma família de verdade.

Quem lê este livro nunca mais esquece a magia e a beleza de Green Gables, nem esta personagem que nos incita a ver o mundo com um olhar mais bondoso e esperançoso.

«Desde 1908, ano em que o romance foi publicado pela primeira vez nos Estados Unidos, nada de essencial mudou na natureza humana que contrarie esta ideia: continuamos a querer gostar das pessoas e a querer que gostem de nós; e move-nos o desejo de encontrarmos o nosso lugar no mundo.»




*in* Prefácio de Carla Maia de Almeida

A **Coleção Tesouros da Literatura**, da qual este livro faz parte, oferece uma cuidada seleção de obras fundamentais da Literatura Universal, muitas das quais são recomendadas pelas **Metas Curriculares de Português** e pelo **Plano Nacional de Leitura**.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt  
  penguinkidspt

12+

ISBN: 978-989-589-784-1



9 789895 897841